

ALESSANDRA SIQUEIRA BARRETO*
ROGÉRIA CAMPOS DE A. DUTRA**

QUANDO O CAMPO SE MOVE: TRAJETÓRIAS E PROJETOS ENTRE REDES LOCAIS E TRANSNACIONAIS¹

* É professora do Departamento de Antropologia da Universidade Federal Fluminense e coordenadora do grupo de pesquisa Cidades, Sociabilidades e Cidadania. Tem trabalhado com cidades, mobilidades, associativismo e mediação. Publicou recentemente o artigo “Brazilians in Lisbon: immigrant association and the meaning of urban paces” (*Vibrant*, vol. 8, n. 2, 2011).

** É professora do Departamento de Ciências Sociais da Universidade Federal de Juiz de Fora. Tem trabalhado com cidade, mobilidades, assim como os intercâmbios econômicos, particularmente no que se refere às atividades informais. Publicou recentemente o artigo “Mobilidade social e fluxos intraurbanos: o deslocamento espacial como valor” (*Anais do 35º Encontro Anual da Anpocs*, 2011).

¹ Este artigo foi desenvolvido graças ao apoio financeiro concedido pela Fapemig durante o período de 2009 a 2011 (projeto de pesquisa “Trânsitos urbanos: fluxos, mediações e identidades no mundo contemporâneo”) e pelo CNPq a partir de 2011 (projeto de pesquisa “Entre lá e cá: associativismo imigrante, mediação e atuação política de brasileiros”).

Este artigo aborda as trajetórias de dois indivíduos e suas famílias nas quais os processos de deslocamentos se apresentam como momentos-chave para a compreensão de seus projetos de vida. Estas experiências de deslocamento, seja local, seja transnacional, apresentam como traços comuns a ativação das redes sociais como estratégia de integração ao local de destino, assim como a utilização da mediação nos processos interativos destas famílias com diferentes grupos e atores sociais no contexto da cidade. Destaca-se ainda neste contexto analisado a ameaça de uma posição marginal do migrante em virtude do dilema que a ele se apresenta entre a continuidade do passado e a construção do futuro, um conflito que se concilia no presente através da flexibilidade das manobras individuais, cuja coerência se ancora não mais na capacidade de lealdade aos grupos pelos quais transita, e sim em sua própria trajetória. Palavras-chave: Trajetórias; projetos; redes; fluxos urbanos; mediação.

CIDADES, REDES E FLUXOS: BREVES CONSIDERAÇÕES

As cidades, os centros da vida urbana, concentram a maior parte dos fluxos migratórios, assim como são palco de processos cotidianos de deslocamentos em variados níveis, transformando-se em lugares por excelência para observação do imbricado de relações entre local e global, pensado não mais enquanto oposição dura, mas como dimensões de fenômenos complexos e multifacetados (APPADURAI, 1996; HANNERZ, 1993, 1996). Essas experiências de mobilidade reconfiguram projetos individuais, coletivos, assim como a própria forma e os usos das cidades; compreender a mobilidade requer, neste sentido, o exercício de se repensarem categorias como o tempo e o espaço. A relação contemporânea entre cidade e urbano pode ser traduzida pela relação contraditória, de oposição/complementaridade entre o mundo-cidade e as cidades-mundos. A globalização dos negócios, das mídias, do trânsito de pessoas transforma o mundo numa única cidade, anunciando a promessa da livre circulação e do livre acesso. Por outro lado, a cidade-mundo retrata o cenário da metrópole em ação, capaz de acolher a diversidade de tradições e simultaneamente revelar suas contradições. Um mesmo fenômeno apresentado em escalas diferenciadas, a da expansão homogeneizadora e da concentração multiplicadora da diferença (AUGÉ, 2009).

Se a cidade é relacional, e não uma representação vazia ou determinista, não podemos esquecer que ela é observada e também construída pelo pesquisador Agier (2011).² Sob esta ótica crítica, e no intuito de superar uma abordagem essencialista da cidade, Anthony Leeds (1994) procurou caracterizar a cidade moderna industrial como uma expressão particular da forma capitalista de urbanização, espaço de centralização do processo produtivo. Este modelo de organização social traz como marca o desenvolvimento de novas formas de fluxos do capital e do trabalho e o conseqüente movimento de concentração de especialidades e especialistas em determinados pontos nodais. O trabalho, em particular, se torna desvinculado de contextos geográficos e sociais de origem, destacado de qualquer tipo de grupo corporativo, de forma que se permita o fluxo livre da unidade de trabalho, o indivíduo, para possibilitar o máximo de ajustamento às necessidades produtivas. Trata-se de um tipo de estruturação social marcada, em sua essência, por processos translocais, dos fluxos regionais – imprescindível à consolidação do Estado Moderno – aos transnacionais

² “Assim, por método, o antropólogo tem necessidade de se emancipar de qualquer definição normativa e a priori de cidade para poder procurar a sua possibilidade por toda a parte, trabalhando para descrever o processo. É essa posição que dá ao saber antropológico um lugar à parte e reconhecível no conjunto dos conhecimentos da e sobre a cidade, disponibilizando-os para todos. Cidade vivida, cidade sentida, cidade em processo...” (AGIER, 2011, p. 37-38).

– que se acentua nestes tempos de globalização –, seja de pessoas, seja de *commodities*, crédito, informação ou dinheiro.

A realidade contemporânea, diante das transformações promovidas pela globalização econômica, financeira, cultural, tem apresentado a cidade como cenário de deslocamentos contínuos, em diferentes escalas, fazendo com que a territorialidade, antes de uma situação predefinida formalmente, se torne cada vez mais um processo em construção. Por outro lado, apesar da transposição dos limites espaciais, o movimento de pessoas, mercadorias e capitais é marcado também por estratégias de vinculação e pela sua articulação em redes.

Os estudos que enfatizam as redes como estratégias de investigação não são recentes e podem ser remetidos, por exemplo, à publicação dos primeiros volumes de *The Polish Peasant Society*, de William Thomas e Florence Znaniecki, entre os anos de 1918 e 1920. Considerado um marco na história das ciências sociais no que toca à investigação no meio urbano, este trabalho foi pioneiro na utilização metodológica e analítica das redes sociais (HOUSE, 1936; WAX, 2000).³ Inspirados nas reflexões da Escola de Chicago, esses autores procuravam contribuir com a grande questão que motivava este grupo de intelectuais, a descrição e compreensão dos processos sociais ocorridos na cidade e suas consequências: uma metrópole que assiste ao crescimento vertiginoso, refletindo uma sociedade em franco processo de industrialização e urbanização. Por meio de uma investigação empírica, elegem, no lugar de documentos oficiais, a análise de registros de vida, tradutores do modo como os atores representavam suas próprias vidas, em seus próprios termos. Esta análise de um fenômeno intercultural, no caso a migração, pelo filtro das histórias individuais teve como grande contribuição desvendar suas estratégias de ação, os projetos pessoais e os valores que os orientaram, demonstrando-nos a realidade cultural, de um lado, como compartilhamento de significados e, de outro, como espaço de manobra dos indivíduos portadores de capacidades estratégicas e criativas de se integrarem a uma sociedade estrangeira.

O contínuo processo de organização social, mudança e reorganização revela que se uma sociedade mantém sua estabilidade confinando a realização de seus membros a canais específicos de expressão, é no processo interativo, no cotidiano das ações sociais, que os sujeitos negociam suas possibilidades. As oportunidades de integração se apresentam pela manutenção e/ou estabelecimento de novos vínculos, pela articulação de redes

³ De fato, esse trabalho se mostrou inovador tanto pelo uso de uma metodologia qualitativa, etnográfica, de investigação da realidade dos migrantes poloneses naquela metrópole, quanto pelo recorte de seu próprio objeto, as cartas pessoais trocadas entre as famílias polonesas em sua terra natal e seus representantes que decidiram migrar para os Estados Unidos.

de contato que transpõem muitas vezes territórios espaciais e simbólicos, seja o grupo da vizinhança, do trabalho, seja mesmo de um país.

Apesar de identificarmos no trabalho de Thomas e Znaniecki, de forma seminal, a operação da ideia de redes sociais, o amadurecimento desta estratégia de investigação social e sua utilização de forma sistemática ocorrerão algumas décadas mais tarde no campo intelectual britânico, sob inspiração das pesquisas de John Barnes em uma aldeia de pescadores na Noruega (BOTT, 1976). Sua utilização foi se apresentando, a partir de então, como alternativa às formas clássicas de análise e classificação social – feitas tradicionalmente através da ordenação do mundo social em classes e estratos – como forma de analisar um material de pesquisa qualitativamente diferenciado da experiência de uma sociedade tribal em situação de maior estabilidade e previsibilidade social: o estudo de sociedades complexas, em rápida transformação, ambiente de mudança social, variação, instabilidade e conflito, a situação de permanente trânsito de indivíduos, a possibilidade de escolha.⁴

Pode-se dizer que o conceito de redes encontrou campo fértil de aplicação entre os pesquisadores da Escola de Manchester e do Rhodes Livingstone Institute (MITCHELL, 1969), que atuavam particularmente na região do Copperbelt, área que assistiu ao desenvolvimento de cidades novas – em ritmo de rápido crescimento – surgidas da formação de um novo tipo de sociedade: uma sociedade estratificada composta por uma elite dominante europeia, uma classe média em formação e a classe trabalhadora composta por negros africanos de diferentes etnias. Tal como Chicago no princípio do século XX, a região do Copperbelt no continente africano definia-se como área de enorme tensão social. Estes pesquisadores utilizavam-se de *networks* como instrumento analítico não só pelo fato de favorecerem a visualização de contatos que atravessam classes, como também porque possibilitavam a apreensão da realidade de indivíduos com maior espaço de atuação, uma certa margem de manobras, fugindo de explicações deterministas. As redes sociais são capazes de fornecer uma representação mais acurada dos vínculos sociais, particularmente como os indivíduos conscientemente constroem, ou ressignificam, esses laços.

Essas estratégias de vinculação traduzem a particularidade dos processos sociais ocorridos no contexto urbano, a dinâmica instável de sua organi-

⁴ Um dos autores que se destaca como fonte de inspiração é Max Gluckman (1987). Ele se utiliza da noção de situação social para interpretar a sociedade zululandeza, enfatizando a ideia de uma dinâmica das relações sociais, um equilíbrio de forças transitório, oferecendo-nos uma visão mais complexa daquela região, capaz de dar conta das transformações sociais que a África colonizada, e em processo de modernização, estava sofrendo. Apresenta assim novas perspectivas ao introduzir a noção de ambiguidade num ambiente em que os papéis sociais não são rígidos para lidar com a questão da multiplicidade de situações e a possibilidade de escolha dentro de um repertório sociocultural.

zação social e espacial, marcada pelo trânsito. Explicitam de forma mais acurada o modo através do qual os altos índices de concentração de uma população heterogênea, de origem e tradições diversas, podem afetar o padrão de interações sociais. Os “efeitos do urbanismo” têm sido objeto de reflexão e debate acadêmico desde que autores como Simmel (1979), Park (1928) e Wirth (1979) traçaram propostas de interpretação a respeito de uma forma particular de vinculação que se anunciava frente ao cenário da cidade moderna. Em geral, a literatura etnográfica no meio urbano tem apontado a fragilidade de uma relação causal entre fatores ecológicos e padrões de sociabilidade (FISCHER, 1975), demonstrando pouca evidência em se confirmarem relações deterministas entre vida urbana e o comportamento de alienação, simples indiferença ou anomia de seus habitantes. Contudo, as investigações dos padrões de vínculos estabelecidos por meio das redes sociais, pelos moradores de uma grande metrópole, apontam para a ativação de determinados tipos de relações sociais em detrimento de outros, nos quais se minimizam contatos não desejados; a redução de encontros casuais, fortuitos, acidentais demonstra, antes da superficialidade dos vínculos, um processo de afastamento seletivo (BALDASSARE, 1983).

Nesse sentido, as redes sociais podem ampliar a compreensão das cadeias migratórias ao explicitarem os arranjos e as informações fornecidos por parentes e conterrâneos; o migrante deixa de ser visto como simplesmente transplantado de seu local de origem, mas ator que opera sua rede de relações para ter acesso ao novo local de residência (TILLY, 2004). As estratégias migratórias contam com mecanismos de decisão de partir, bem como das formas de integração ao novo local de residência que incluem a ativação de contatos. Permite-nos ter melhor compreensão de como a posição marginal de migrante (PARK, 1928) – vivenciada como experiência de anomia e desordem potencial em um ambiente caracterizado pelo estabelecimento de relações com desconhecidos – pode ser relativizada, até mesmo por promover a socialização e reintegração ao novo cenário urbano.

Os movimentos migratórios têm sido objeto de uma série de reflexões na busca de sua explicação e padrões de regularidade. Em geral, a trajetória de análise dos movimentos populacionais tem sido marcada pela associação entre atividades econômicas e deslocamentos espaciais. Contudo, tais explicações estruturais requerem a complementação da força da decisão individual e familiar, motivações objetivas e subjetivas, frente aos estímulos externos. Há fatores de expulsão e de atração, causas estruturais e motivações pessoais que influenciam na avaliação sobre os benefícios do deslocamento (PACHECO; PATARRA, 1997). É neste sentido que a tra-

jetória de um grupo familiar que migra para a cidade do Rio de Janeiro, tanto quanto a migração de um jovem pastor mineiro com sua esposa e filha para a Holanda são exemplares ao permitirem a compreensão dos processos de motivações e decisões, de âmbito individual e familiar, dos deslocamentos, bem como as estratégias de integração ao novo contexto de residência.

UMA NOVA VIDA: A FORÇA DOS LAÇOS NO CONTEXTO DE MUDANÇA

A trajetória da família Soares reflete este movimento. Chegou ao Rio de Janeiro na década de 1980, advinda de uma pequena cidade do interior do estado, Monte Belo.⁵ Esta pequena localidade tem histórico de migração para a capital, grande parte se concentrando na Zona Norte, região do bairro da Tijuca e adjacências. Bernardo Soares se apoia nesta rede para se inserir na capital quando, ainda adolescente, vai trabalhar como *office boy* na empresa de contabilidade do tio e padrinho na Tijuca, dividindo seu tempo entre trabalho, estudos e visitas frequentes à cidade natal. Assiste a uma ascensão na empresa do tio e, quando este se aposenta, assume a direção. Tal qual seus conterrâneos instalados na capital carioca, mantém contato constante com Monte Belo, não somente em função da manutenção dos laços de parentesco, como também dos amigos. Casa-se em Monte Belo com Elisa, sua conterrânea e antiga namorada do período de adolescência. Ao contrário de Bernardo, Elisa sempre viveu em Monte Belo e veio para o Rio de Janeiro após o casamento para morar em apartamento alugado na Tijuca. Professora das primeiras séries do ensino fundamental, com experiência na zona rural de Monte Belo, presta concurso para técnico do Judiciário quando se muda para a cidade do Rio, seguindo o conselho do marido, que lhe orientou a escolher uma atividade “melhor”. Elisa sente grande dificuldade de adaptação à cidade, se deslocando semanalmente para a cidade natal. Em relação ao prédio em que morava, reclama da frieza e indiferença dos vizinhos: *ninguém se cumprimenta, todos são estranhos*. O anonimato então, mesmo que relativo, é visto como um aspecto negativo da vida na “grande cidade”, em contraposição à intimidade, solidariedade e constância dos contatos na cidade pequena do interior.

À época do nascimento do primeiro filho, o padrinho de Bernardo lhes acena a oportunidade de aquisição da casa própria. Morador no Grajaú em um prédio de 12 andares, ele oferece apoio financeiro ao casal para aquisição de uma unidade naquele local, onde já reside, além de sua fa-

⁵ Todos os nomes utilizados neste artigo são fictícios, de forma a se proteger a identidade dos grupos pesquisados.

mília – esposa, filho e sogra –, sua filha casada, logo no andar abaixo. Elisa consegue então superar a resistência à cidade, se inserindo na rede social de conterrâneos e parentes que residem naquela localidade e vizinhanças. A vida do casal gira em torno da criação dos filhos e do trabalho, com uma circulação restrita às adjacências de sua residência. Raramente vão à Zona Sul, ou à praia; as horas de lazer são desfrutadas entre reuniões do grupo de parentesco e conterrâneos. O salão de festas no prédio assume posição central no padrão de sociabilidade deste grupo, uma vez que se torna cenário de festas e confraternizações entre conterrâneos.

A escolha da capital carioca como cenário da vida conjugal e familiar do casal Bernardo e Elisa faz parte de um projeto⁶ de alargamento do campo de possibilidades (VELHO, 1994), de ascensão social e ampliação dos horizontes que se tornaria inviável na cidade natal, fundamentada na economia pecuária de subsistência e no pequeno comércio. O ambiente da metrópole representa para eles a oportunidade de ruptura com uma trajetória social mais ou menos prevista pela estrutura econômica e social de Monte Belo, acenando-lhes o acesso às oportunidades de educação e trabalho. Contudo, o processo de integração a este contexto e suas dificuldades – dilemas de pertencimento, de localização espacial e de posição no mercado de trabalho – são atenuados por estes laços sociais. Evidentemente que tal posição de envolvimento poderia representar aos olhos de outros o contrário, uma estrutura coercitiva a sua liberdade de atuação, uma vez que laços estreitos podem anunciar obrigações, bem como padrões específicos de conduta; mas em se tratando de valores deste grupo em questão, a manutenção desta rede é representada como “essencial” a sua sobrevivência. Este fato pode ser identificado por sua postura de não somente se beneficiar desta rede, mas atuar ativamente na sua reprodução através da solidariedade que prestam aos parentes e conterrâneos, seja em Monte Belo, seja na capital.

Charles Tilly (1965, 1967) atenta para o fato de que o papel das redes de parentesco nos processos migratórios contribui para a compreensão de que o migrante não (ou nem sempre) se faz sozinho, como a imagem do *selfmademan* poderia supor. Ao analisar o processo de integração de migrantes à cidade de Wilmington (1965), destaca a importância da “solidariedade adscrita” – grupos de parentesco, vizinhos e conterrâneos – para a inserção de grupos de trabalhadores manuais com baixo índice

⁶ O projeto se define como uma conduta organizada para atingir fins específicos, acenando para a existência de uma margem de manobra e iniciativa relativa de escolha individual. Ao conferir sentido à trajetória individual, ele manifesta a dimensão consciente da ação que simultaneamente atualiza códigos, mas também os transforma e reinventa. Esta noção vincula-se à relevância do indivíduo e da ação individual no contexto das sociedades contemporâneas ao conferir sentido e valor a uma trajetória individual, onde representaria a antecipação no futuro de sua trajetória e biografia (VELHO, 1981, 1994).

de escolaridade. O processo de integração deste grupo com as instituições impessoais ocorre de forma mais lenta, sendo mediado por membros qualificados em estabelecer conexões com as esferas institucionais mais amplas. Os laços sociais que ligam Monte Belo ao Rio de Janeiro se configuram em arranjos espaciais urbanos marcados pela tríade parentesco-amizade-vizinhança, sendo atualizados através de ocasiões rituais, emergenciais e de sociabilidade ordinária. Vale notar que, mesmo dentro do universo de “solidariedade adscrita”, alguns atores se destacam pela participação ativa na integração de seus conterrâneos na metrópole carioca, atuando como mediadores. Como um dos primeiros a se estabelecer nesta cidade, e de forma bem-sucedida, o padrinho de Bernardo vem desempenhando ao longo dos últimos quarenta anos o papel de “acolhimento” de seus conterrâneos, seja através de auxílio na busca de emprego ou moradia, seja disponibilizando o salão de festas do prédio em que reside para a realização de diversos tipos de celebrações que os reúne.

Apesar de a vivência de uma sociabilidade cotidiana no âmbito deste grupo representar segurança para Elisa, esta vinculação não esgota necessariamente seus anseios. Em relação à experiência religiosa, Elisa trazia consigo uma grande insatisfação com o afastamento de Bernardo da vivência de uma prática católica, uma vez que, após o casamento, este passou a assumir uma atitude cética em relação à crença religiosa. Numa oportunidade de visita a colegas de trabalho, assistem, por sua insistência, ao culto religioso em uma igreja católica em Realengo. Bernardo gostou “daquele padre e de seu estilo” – um grupo participante do movimento de Renovação Carismática –, que Elisa achou “diferente”; mas se empenhou a partir de então em frequentar aquela paróquia. O casal e os filhos passam então a participar de um grupo de casais frequentadores daquela igreja, com reuniões familiares mensais, construindo um novo cenário de estabelecimento de vínculos que fogem ao padrão de sua rede de relações, não somente por se diferenciarem da origem comum, como também por se situarem em espaço diverso, estimulando o trânsito desta família para outro bairro da cidade. Bernardo relata que se antes havia perdido o interesse pela religião, a experiência em Realengo o fez redescobrir sua fé através da vivência do grupo de casais, motivo pelo qual Elisa passou a ser mais respeitada em seu grupo de conterrâneos, por ter conseguido trazer Bernardo de volta à fé católica.

As estratégias pessoais de migração trazem consigo dimensões contraditórias que se apresentam como desafios de coerência para seus atores: como decisões de foro individual, reforçam a ruptura com o passado, estimulam o sentimento de autonomia e liberdade no propósito de construir para

si um novo destino; contudo, esta inserção em novo ambiente social requer a ativação de experiências coletivas outras, trazendo novas marcas de pertencimento. Assim, podemos observar que este casal consegue manter simultaneamente a marca da transgressão ou da ruptura em relação às gerações anteriores que construíram suas vidas em Monte Belo, bem como a marca da continuidade e da origem comum ao reforçarem os laços com seus conterrâneos residentes no Rio de Janeiro. Talvez o termo que melhor se adequaria a esta situação seria de ruptura coletiva, acompanhada por um mediador que fez este caminho em momento anterior. Ao ingressarem no grupo de casais de Realengo, iniciam uma nova inserção/ruptura, atuando agora como potencialmente mediadores para aqueles conterrâneos que por ventura se interessem por este universo religioso. Tal situação reforça o dinamismo da vida social urbana e a atuação do mediador como agente potencial de transgressão/transformação social ao estabelecer conexões entre mundos sociais diversos: as possibilidades de mediação se desdobram continuamente e aquele que “foi mediado” torna-se, no momento (ou contexto) seguinte, um mediador.⁷

RETERRITORIZANDO LAÇOS: REFLEXÕES A PARTIR DO SUJEITO DE UMA REDE TRANSNACIONAL

O segundo exemplo que trazemos refere-se ao processo de deslocamento de um pastor e de sua constituição em liderança imigrante. Nesse sentido, pretendemos focalizar um dos indivíduos-chave de uma rede transnacional de imigrantes brasileiros e pôr em relevo as condições de sua constituição e atuação como mediador.

Carlos é mineiro, de classe média assalariada.⁸ Tornou-se cristão já adulto por influência de familiares próximos. Tal conversão marca sua trajetória e suas redes de relações, além de ser um dos fatores decisivos de seu processo migratório. A mudança de país faz parte de uma narrativa vinculada a uma concepção de missão. Nesse sentido, a sua missão religiosa é contada como um chamado, a fim de despertar outros “irmãos e irmãs”. Os contatos com pessoas e lugares são destacados pelas redes que a sua igreja possui, tanto

⁷ O conceito de mediação tem sido utilizado por pesquisadores de diversas áreas. A intensificação de seu uso a partir de uma associação com as possibilidades de regulação e intervenção social gerou ao mesmo tempo uma necessidade de refletirmos e reavaliarmos o conceito, assim como afirmou um campo de atuação e de profissionalização. No entanto, quando nos referimos à mediação, interessa-nos destacar seu lugar entre as reflexões sobre as questões urbanas e da vida política de modo geral do ponto de vista da negociação da realidade.

⁸ A análise da trajetória do pastor Carlos foi feita a partir de entrevistas, do acompanhamento de algumas de suas atividades, da leitura de sua biografia, do acompanhamento de atividades da rede de imigrantes de que faz parte, assim como dos sites, das redes sociais que o mencionam ou de que participa. Também utilizamos entrevistas e conversas com pessoas que o conhecem do meio associativo e de membros de sua igreja.

no Brasil como no exterior, e, nesse sentido, a mobilidade pode ser apreendida como uma característica bastante peculiar da posição que ocupam os pastores e da relação entre a religião, os processos de evangelização e conversão no mundo contemporâneo (BEYER, 1994), que também podem traduzir maior aproximação com as comunidades imigrantes.

A migração do pastor Carlos aconteceu na década de 1990, já casado com Ana e pai. Amsterdã foi uma escolha das lideranças de sua igreja e, portanto, encarada como um “chamado”.

No último culto de que participei em Belo Horizonte no templo da Assembleia de Deus do bairro Boa Vista, o Senhor então usou um pregador inglês, líder de um trabalho missionário com mulçumanos, para me dar uma visão de que eu realmente precisava do lugar para onde eu estava indo.⁹

Essa rede possibilitou algumas facilidades no momento inicial do processo migratório. A existência de um grupo mais consolidado em Londres foi importante para garantir que a transição não ocorresse de forma tão abrupta, assim como garantiria depois o apoio inicial para a comunidade cristã se estabelecer formalmente em Amsterdã.¹⁰ Conhecidos do Brasil mediarão a chegada da família a um “mundo novo”, recebendo e hospedando os recém-chegados na reafirmação de uma prática, bastante comum entre imigrantes, que consolida laços de pertencimento e de identificação (religiosa, de classe, étnica/nacional) (MARTES, 2000; PADILLA, 2006).¹¹ Essa rede possibilitou ainda que não houvesse ruptura com algumas atividades e costumes cotidianos, assim como permitia que, mesmo em um país estrangeiro, o português fosse a língua utilizada na maior parte do tempo (ou mesmo todo o tempo, se assim desejassem). No entanto, Carlos não ficou restrito apenas à rede de sua igreja. Outra rede surgiria justamente a partir da vivência cotidiana da condição de imigrante, de estrangeiro, e redimensionaria seu papel entre os demais brasileiros em Amsterdã.

⁹ Trecho de biografia referido em entrevista concedida em janeiro de 2009.

¹⁰ A regularização da situação da Comunidade Cristã de Amsterdã aparece, no discurso de Carlos, como bastante vinculada à sua própria regularização como imigrante. O processo teve início em 1994, quando Carlos ainda não estava em Amsterdã, a partir da solicitação de apoio junto aos “irmãos” de Londres, mas foi intensificado na sua chegada, ao se tornar o líder da igreja local.

¹¹ Um dado interessante sobre o grupo estudado refere-se ao fato de que parte considerável dos brasileiros com quem tivemos contato tentou, sem sucesso, ficar em Londres, tendo Amsterdã como “opção de ocasião”, ou seja, alguns foram deportados e, como o voo fazia escala na cidade, simplesmente não deram continuidade à viagem. Esse relato repetiu-se diversas vezes. Outros, que migraram mais recentemente, e que também tentaram ficar em Londres, acabaram indo para Amsterdã em função de conhecidos que haviam passado pela mesma situação e que transmitiram essa informação/estratégia. Tal estratégia também é repassada por agentes de viagens, segundo nossos interlocutores.

A integração à sociedade de destino, todavia, não se dá de forma pacífica. Ao tratarmos os deslocamentos transnacionais, percebemos que os imigrantes surgem como um Outro que, no processo de integração à sociedade acolhedora/de destino, fica em sua grande maioria apartado em áreas específicas da cidade, corroborando uma associação entre discriminação econômica e étnica/cultural (CARDOSO; PEIRISTA, 1994; MALHEIROS et al., 2007; WACQUANT, 2007; BEAU; CONFAYREUX; LINDGAARD, 2008). Os discursos pela igualdade, mas reafirmando o direito à diversidade, acabam em muitos casos por dissimular situações de exclusão e permitir o aparecimento de posições que, utilizando o mesmo argumento a partir da ideia de uma irredutibilidade das diferenças culturais, fomentam preconceito e segregação (STOLCKER, 1993). A cidade então não é de todos e para todos (BALIBAR, 2002); os imigrantes têm áreas bem delimitadas, na maioria dos casos, e mesmo a circulação pela cidade demonstra uma configuração de forças e oposições que podem ficar invisíveis para um olhar desatento ou neófito. No entanto, suas consequências não se restringem às áreas periféricas ou às populações imigrantes. Alternativas, no entanto, são criadas e uma delas refere-se a processos de (re)valorização de laços sociais através de políticas públicas para a resolução de conflitos, para integração nas escolas locais, para a reintegração da família; ou ainda reflete a administração de um tipo de justiça social atribuída à prática da mediação como resolução de pequenos conflitos no seio das famílias, nos bairros populares, entre vizinhos. Nesses termos, o litígio torna-se o centro da atenção, e as relações sociais passam a ser vistas com base na lente do conflito permanente e no tornar possível alguma paz, alguma harmonia (BONAFE-SCHMITT, 2006). Reabilitar, harmonizar, ressocializar. Pressupõe-se, portanto, um cenário de perda e escassez dos vínculos sociais e de laços de solidariedade, em que um ator em especial (em muitos casos, externo) é convocado a restabelecer a ordem: o mediador.

Mas há mais na mediação do que uma prática compensatória. Ela é uma atividade constitutiva do dia a dia do indivíduo contemporâneo e implica, em graus variados, uma (re)valorização de vínculos coletivos. As abordagens a partir dos *cultural brokers*, que podem ser definidos, de forma simplificada, como indivíduos que ligam ou fazem a mediação entre grupos ou pessoas de diferentes *backgrounds* culturais a fim de reduzir os conflitos existentes ou estimular uma mudança, trazem para o debate a questão do *commitment* da mediação voluntária (PEACE, 1998). Sua parcialidade é posta desde o início em relação a uma causa, a um grupo, a uma coletividade. Mas é colocada como engajamento, como missão, como conformadora de uma identidade.

Como mediador, Carlos aciona a dimensão dos valores a todo tempo para marcar sua identidade pessoal e os limites de sua adesão ao estilo de vida considerado por ele “típico” dos holandeses, qual seja, a liberdade sexual, principalmente de orientação sexual. Sua missão é então definida sob a bandeira da “batalha contra a promiscuidade”. Com esta rubrica, Carlos parece querer fazer coincidir sua opção religiosa com sua identidade de brasileiro. O reforço da negação à diversidade sexual como uma escolha do indivíduo é colocado por meio da terminologia do desvio, da patologia e do pecado; ao mesmo tempo em que a vincula à nacionalidade com frases como “de onde venho as coisas não são assim”, “no Brasil isso não aconteceria” [referindo-se às palestras de pessoas com distintas orientações sexuais promovidas na escola de suas filhas]. Nesse sentido, Carlos tende a inverter a “hierarquia de alteridades” acionada no processo de interação entre os diversos grupos imigrantes na sociedade de destino (CAVALCANTI, 2005; MACHADO, 2006). Se ser imigrante, no caso brasileiro, pode ter um valor negativo junto à sociedade de destino (acusações de vinculação ao crime, à prostituição, à desordem), a possibilidade de sua positivação é colocada a todo momento quer pela afirmação de “valores morais”, quer pela reificação de estereótipos como do brasileiro alegre, amigável.

Se a questão da sexualidade é tratada de forma radical, por outro lado, a ressignificação de outros valores é levada a cabo nesse processo de integração. Eloquente, simpático, extrovertido, Carlos reafirma tais características como comum a “ser brasileiro”. Como relatado por membros de sua igreja, revigorou a participação nos cultos e atividades da comunidade cristã na cidade. Incentiva a “qualidade de vida” em suas pregações e procura redimensionar prevalência da lógica do trabalho sobre as demais relações sociais estabelecidas pelos brasileiros em geral. Com isso, conseguiu operar uma transformação bastante significativa no sistema de valores de alguns dos imigrantes brasileiros evangélicos residentes em Amsterdã. A busca pelo retorno ao Brasil em situação financeira melhor não foi substituída, mas cedeu lugar ao discurso do “bem viver”.

Diferentemente de muitos brasileiros residentes na cidade, Carlos fala holandês e reafirma em seus cultos a importância da integração à sociedade holandesa, reforçando a dimensão do conhecimento do idioma e da busca pelo “bem viver”, com ênfase no aspecto da moradia, do lazer, das viagens e dos estudos. Com isso, o pastor mudou a realidade de diversos imigrantes que viviam em condições precárias, passando por situações voluntárias de privação a fim de “juntar um dinheiro”, “fazer uma poupança”, que foram convencidos a “mudar de perspectiva”.

O paradoxo (ao menos aparente) de uma posição que oscila entre vínculos paroquiais e discursos cosmopolitas é que Carlos se tornou um mediador para um número expressivo de imigrantes de língua portuguesa que vive em Amsterdã. Suas características pessoais e um tom conciliador, que a princípio convergem para um discurso de defesa das minorias e da justiça social, lhe renderam um lugar de destaque principalmente entre os brasileiros residentes naquela cidade. A partir do contato com a realidade e os problemas dos imigrantes, que ele próprio vivenciou até conseguir legalmente a sua permanência no país,¹² Carlos começou a se engajar em atividades para além de seu trabalho como pastor. Entrou em contato com líderes de associações de imigrantes brasileiros em outros países da Europa que buscavam formar um grupo mais coeso e disposto a criar uma agenda comum. Por meio desses contatos e dos acessos a representantes do estado brasileiro, acabou convertendo-se em um mediador não mais restrito ao universo de seu círculo religioso. Somou-se assim à sua atuação como mediador cultural (atuação no processo de integração à sociedade de destino, a questão religiosa, a dimensão da identidade nacional e suas formas de representação) a sua contrapartida como mediador político.

A atividade de mediação desenvolvida junto a imigrantes, na prática por suas lideranças (indivíduos-chave), não se restringe à resolução de uma questão pontual entre indivíduos ou mesmo entre o indivíduo e um grupo, mas refere-se ao estabelecimento de relações cotidianas de diálogo e constituição de acessos entre as instâncias institucionais e o desdobramento dessas no cotidiano dos imigrantes.¹³ Ou seja, a mediação cultural e a política desempenhada na dinâmica do associativismo é ao mesmo tempo condição de sua existência e meio através qual se mantém viva. Não há associativismo sem mediação, e a mediação sem o associativismo vira profissão. No caso de Carlos, a mediação coloca-se como uma atividade porque se relaciona a um “projeto pessoal de se tornar mediador”; não é uma atividade extraordinária, mas cotidiana. É a execução constante de um projeto pessoal e não uma qualidade “natural” de certos indivíduos. Esta especialização na articulação e/ou negociação, como enfatiza Castro (2001), singulariza determinados indivíduos, mas realça a dimensão “voluntarista”, assim como a condição necessária para essa atuação: gostar de desempenhar tal papel. Este gostar é definido por sensações tanto quanto

¹² O processo para conseguir o direito de permanecer na Holanda durou mais de dois anos e, segundo relato de Carlos, foi fundamental para que outros membros da Comunidade Cristã fossem encorajados a requerer seus direitos. A partir de seu relato, parece que muitos membros da Comunidade Cristã, mesmo entre os líderes e dirigentes, não possuíam situação regular para a permanência no país.

¹³ A mediação neste artigo é pensada como um tipo de atividade que privilegia uma relação social que opera com a aproximação, a participação e com a negociação, em que o conflito é assumido como parte constitutiva das sociedades e a negociação se faz presente nas mais variadas formas de relações sociais.

pela crença no sucesso ou na possibilidade de conquistá-lo. A vontade de atuar como mediador e a aptidão em desenvolver tal atividade são proporcionais à capacidade de lidar com a diversidade de códigos, símbolos e interesses envolvidos. Esse “atuar” ou “agir no mundo” leva em consideração o potencial de metamorfose (VELHO, 1994) dos atores em questão para a concretização de seus projetos (individuais ou coletivos). É justamente essa capacidade (ou ainda plasticidade) de reinventar práticas e discursos, ao mesmo tempo em que percebe a necessidade de reprodução de outros, que proporciona o sucesso no desempenho da mediação.

Para a concretização de seu projeto, Carlos ingressou em uma rede de associações de imigrantes brasileiros na Europa (Rede de Brasileiras e Brasileiros na Europa – RBBE), que mais tarde se configuraria como uma rede mundial (Rede de Brasileiros no mundo), onde conseguiu o reconhecimento de outras lideranças associativas. Ocupou posições de destaque como um cargo no Conselho Provisório de Representantes das Comunidades de Brasileiros no Exterior como representante dos brasileiros no continente europeu a partir de 2008.¹⁴

Vivenciou as dificuldades da manutenção da atividade associativa junto a imigrantes, entre outros fatores, pela mobilidade espacial e pela falta de tempo dos mesmos. Percebeu a importância dos meios virtuais para a operacionalização da Rede de Brasileiras e Brasileiros na Europa, assim como do Conselho (inicialmente provisório, mas desde 2010 definitivo com novos membros eleitos). O contato é mantido majoritariamente por meio de comunicação virtual e, em escala bem menor, por contatos face a face em reuniões organizadas com grupos pequenos ou em moldes de encontros, seminários ou conferências (Reunião de Lisboa, Seminário de Estudos sobre Imigração Brasileira na Europa, Conferência Brasileiros no Mundo, entre outros).

Tais formas de comunicação adquirem um papel de destaque no estabelecimento de relações na contemporaneidade, principalmente quando nos referimos a pessoas e grupos em situações de deslocamento, de trânsitos; nas possibilidades da virtualidade na constituição do que Appadurai (1996) chamou de mundos imaginados, ao permitir que as mais diversas experiências possam ser compartilhadas e que relações possam ser estabelecidas com uma velocidade de “renovação” e ressignificação cotidiana antes pouco provável. Nesse processo, o acompanhamento de atividades e práticas religiosas, por exemplo, pode ser diretamente conectado, apesar

¹⁴ Este conselho é vinculado ao Ministério das Relações Exteriores (MRE) do Brasil e foi criado em 2008 durante a 1ª. Reunião de Brasileiros no Mundo, promovida pelo MRE/Itamaraty com a presença de lideranças associativas brasileiras de diversos continentes. Sobre esta reunião, consultar Barreto (2010).

da distância espacial, ou, ainda, a articulação de ações entre associações de imigrantes pode ser coordenada e orquestrada quase simultaneamente em diferentes países. Destarte, qualquer otimismo frente a tais mudanças e potencialidades das novas formas de comunicação é recorrente entre lideranças de imigrantes com quem tivemos contato; por exemplo, o celular e as redes sociais são as formas mais eficientes para manter contato com os imigrantes brasileiros, principalmente em função de sua grande mobilidade entre diferentes países europeus em busca de melhores condições de emprego e renda. Dessa forma, mesmo com a mudança de endereço, haveria a manutenção do número de telefone e do perfil/e-mail para contatos de trabalho e para não se desligar das redes preestabelecidas.

Os acessos de Carlos e a extensão de suas redes o habilitam a lidar e resolver problemas cotidianos para os imigrantes, principalmente brasileiros. Desde documentos, à procura por emprego e moradia, auxílio no estabelecimento de contato entre familiares no Brasil e imigrantes em situações críticas, como a de detentos do sistema prisional. Carlos acabou ocupando um hiato deixado pelo Estado brasileiro no tocante à sua representação na cidade de Amsterdã. Como não há consulado na cidade, apenas um cônsul honorário de nacionalidade holandesa, pouco conhecido entre os imigrantes, e o consulado mais próximo é o de Roterdã, o pastor conseguiu fazer convergir suas habilidades pessoais, o *know-how* de sua atividade religiosa com o estabelecimento de uma ampla rede transnacional e transcontinental de contatos, “socializando-se” ainda em uma gramática política própria da vida associativa imigrante. Quanto à legitimidade junto aos imigrantes, o pastor é reconhecido não apenas entre os funcionários consulares e setores da administração pública local, mas principalmente entre os brasileiros residentes, legais e ilegais. Apesar dos limites, conseguiu ampliar o seu campo de possibilidades (VELHO, 1994), colocando em evidência suas ações e projetos. Assim, de líder religioso (de um grupo restrito de cristãos), tornou-se líder político de imigrantes brasileiros na Holanda, com desdobramentos para definição de uma agenda de política do associativismo imigrante.¹⁵

CONSIDERAÇÕES FINAIS

A intensificação dos deslocamentos na sociedade contemporânea, sob a perspectiva dos indivíduos que se mudam, foi objeto das reflexões de Park que, já em 1928, destacava como uma das consequências da migração para

¹⁵ Não abordaremos aqui os conflitos entre as próprias lideranças associativas na disputa por posições e cargos junto ao governo e aos imigrantes brasileiros, apenas gostaríamos de sinalizar para tal fato, a fim de não deixar passar em branco este aspecto fundamental da constituição de grupos e redes, assim como do mundo associativo.

as grandes cidades da sociedade norte-americana do princípio do século passado a situação de instabilidade e ambiguidade na qual este indivíduo – em seus termos, “o homem marginal” – se encontra. A migração, para este autor, representaria a ruptura com a ordem social original e com os laços primários, exigindo-lhe estratégias de inclusão à nova ordem social. Ao se desfazer das lealdades locais para viver a experiência do anonimato e da liberdade nesta nova ordem, o indivíduo emancipado se tornaria um cosmopolita, desenvolvendo a atitude de desprendimento característico do processo de secularização e individuação em difusão no contexto da metrópole. Contudo, esta passagem não seria facilmente superada na medida em que a condição de migrante implicaria viver em dois grupos socioculturais distintos – seu grupo de origem e de destino –, razão pela qual ele sofreria uma tensão constante por não pertencer a nenhum deles especificamente. A dicotomia moral traduzida pelo *divided self*, entre o velho e o novo, traz uma carga especificamente dramática na situação contemporânea dos deslocamentos, uma vez que estes não seriam motivados por políticas coletivas, ou de incentivo público, mas uma questão de foro individual; em muitos casos sem organização institucional prévia, os indivíduos são movidos por variados motivos e expectativas, lançando mão de estratégias pessoais de migração.

No que se refere à migração para os grandes centros urbanos, esta mobilidade não se reduz a sua dimensão espacial, visto que se abrem as possibilidades de trânsito na estrutura social, de redefinição do sistema de relações e configuração dos papéis sociais. É nesse sentido que Hughes define o processo migratório como provocador do “dilema de *status*”, pela situação dúbia em que as pessoas podem se encontrar.

It is one that may occur wherever there is sufficient social change going on to allow the emergence of people who are in a position of confusion of social identity, with its attendant conflicts of loyalty and frustration of personal and group aspirations. Migration and resulting cultural contact simply create the grand fields on which the battle of status is fought out among humans; a confusing and bloodier battle because its essence is that so many people are in doubt about which side they want to be on or may be allowed to be on. (HUGHES, 1971, p. 225-226)

Aparentemente o esforço das trajetórias aqui relatadas revela trânsitos bem-sucedidos, que representaram composições constantemente negociadas. Bernardo e Elisa conseguem, a partir de um projeto coletivo, literalmente “transplantar” seu universo mais próximo de interações, de forma que possam simultaneamente vivenciar a experiência de emancipação de vínculos, papéis e projetos, sem ter que completamente abandonar a marca da origem. Almejam realização profissional, ascensão social, educação

diferenciada dos filhos, mas com a manutenção de laços “consistentes”, contatos face a face e vínculos duradouros. Carlos, por sua vez, consegue transformar sua condição marginal de imigrante, um atributo depreciativo, exatamente na possibilidade de sua emancipação ao tornar-se uma liderança legitimamente reconhecida de mediação entre o sistema social holandês e a comunidade de brasileiros residentes em Amsterdã. Contudo, não o faz sem uma carga de ambiguidade entre seu papel de liderança religiosa e de liderança imigrante, circulando entre pregações discriminatórias e um discurso inclusivo e contemporizador.

Vale ainda destacar que a ameaça de desmapeamento, ou ambiguidade, frente à experiência da migração deve ser entendida não de forma fatalista, mas sim relativizada. Analisando os casos aqui relatados sob a perspectiva da fase do ciclo de vida destes atores sociais, observa-se que ambas as situações tratam de uma realidade familiar – pais e filhos pequenos –, momento este de maior demanda de estabilidade e previsibilidade no desempenho de papéis sociais, uma vez que conjugalidade, parentalidade e trabalho assumem frequentemente marcas definidoras de reconhecimento na experiência de vida adulta em nossa sociedade. Certamente, esta experiência poderia ter desdobramentos diferentes no caso de jovens, cujas expectativas de desempenho se constroem com maior flexibilidade, atenuando a possibilidade de dilemas de pertencimentos e crenças, ao contrário de papéis sociais mais rigidamente definidos e mutuamente excludentes entre os adultos (HUGHES, 1971, p. 227).

As grandes cidades, como Rio de Janeiro ou Amsterdã, têm se apresentado tradicionalmente como destino dos fluxos migratórios não somente em função de atuarem como polo de produção e circulação de riqueza, mas também por sua capacidade de assimilar as diferenças. O contato de origens e tradições distintas, assim como a maior possibilidade de trânsito na estrutura social, favorece a circulação dos indivíduos em diferentes grupos sociais, a composição de um *ethos* cosmopolita; a coerência de atitudes e valores está muito mais ancorada nas próprias trajetórias individuais do que nos valores e comportamentos afinados aos pertencimentos. Esta produção de contatos e de afiliações é capaz de intensificar graus de adesões diversificados; resultam em posições “marginais” ou “ambíguas” em algum grau, aumentando as possibilidades de que seus habitantes se deparem com partes do mundo social das quais gostariam de participar, mas a eles estão fechadas, ou, então, em aberto, mas ao custo do desprendimento de pessoas, crenças e hábitos que gostariam de manter.

Sob a perspectiva dos aspectos subjetivos da migração, ou os efeitos por ela provocados, os dilemas se manifestam através da conciliação entre a

experiência do passado com as expectativas futuras. A plasticidade das manobras individuais se apresenta como tentativas de superação do peso das atribuições, lembrando-nos que o processo de integração ocorre no gerúndio do presente, ao vivo, mas que paradoxalmente não se faz sozinho, e sim através do agenciamento de outros humanos.

ABSTRACT

This article discusses the trajectory of two individuals and their families in which displacement processes represent key moments for understanding their life projects. The experience of displacement, whether local or transnational, present the activation of social networks as common traits for an integration strategy with their destination, as well as the importance of mediation in these families' interaction processes with different groups and social actors in the context of the city. It is noted in the analyzed context the threat of a marginal position of the migrant due to the dilemma presented to him between the continuity of the past and the building of the future, a conflict combined in the present through the flexibility of individual maneuvers whose consistency isn't anchored anymore in loyalty to the groups through which he passes, but on his own trajectory.

Keywords: Trajectories; projects; networks; urban flows; mediation.

REFERÊNCIAS

- AGIER, Michel. *Antropologia da cidade: lugares, situações, movimentos*. São Paulo: Terceiro Tempo, 2011.
- AUGÉ, Marc. *Pour une Anthropologie de Lamobilitéé*. Paris: Éditions Payot & Rivages, 2009.
- APPADURAI, Arjun. *Modernity at large*. Minnesota University Press, 1996.
- BALDASSARE, Mark. Residential crowding and social behavior. In: PIPKIN, J. et al. *Remaking the city: Social science perspectives on urban design*. Albany: State university of New York Press, 1983. p. 148-161.
- BALIBAR, Étienne. *Droit de cite*. Paris: Quadriage/PUF, 2002.
- BARNES, J. A. Networks and political process. In: MITCHELL, J. C. (Ed.). *Social Networks in Urban Situations*. Manchester: Manchester University Press, 1969.
- BARRETO, Alessandra S. Espaços da política: uma etnografia da 1ª. Reunião de Brasileiros no Mundo. In: REUNIÃO DA ASSOCIAÇÃO BRASILEIRA DE ANTROPOLOGIA, 27, 2010, Belém. *Anais...* Belém, 2010.

BEYER, Peter. *Religion and globalization*. London: Thousands Oaks; New Delhi: SAGE Publications, 1994.

BEAU, Stéphane; CONFAVREUX, Joseph; LINDGAARD, Jade. *La France invisible*. Paris: La Découverte, 2008.

BONAFE-SCHMITT, Jean-Pierre. La médiation: un nouveau mode de régulation sociale. In: ANNUAIRE horizon local de Globenet. 02 avril 2006. Consultado em 09 jun. 2008.

_____, Jean-Pierre. *Médiation et régulation sociale*. GLYSI-Université Lyon II, 1992.

BONDU, Dominique. *Nouvelles pratiques de médiation sociale: jeunes en difficulté et travailleurs sociaux*. Paris: ESF Editeur, 1998.

BOTT, Elizabeth. *Família e rede social*. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1976.

BROWN, Naomi. Beachboys as culture brokers. *Bakau Town, The Gambia: Community Development Journal*, [v. 27, n. 4], p. 361-370, 1992.

CARDOSO, Ana; PEIRISTA, Heloísa. A cidade esquecida: a pobreza em bairros degradados de Lisboa. *Revista Sociologia, Problemas e Práticas*, n.15, p. 99-111, 1994.

CASTRO, Celso. Comentários. In: VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

CAVALCANTI, Leonardo. Não sou brasileiro, não sou estrangeiro...: imagens e jogos de alteridades em torno da presença brasileira no espaço urbano espanhol. In: REUNIÓN DE ANTROPOLOGIA DEL MERCOSUR, 6, Montevideu, 2005.

FISCHER, Claude. Toward a subcultural theory of urbanism. *American Journal of Sociology*, v. 80, n. 6, p. 1319-1341, 1975.

FOUTEAU, Carine. Expulsables: comment vivre sans papiers en France quand on est en règle dans son pays. In: BEAU, Stéphane; CONFAVREUX, Joseph ; LINDGAARD, Jade. *La France invisible*. Paris: Éditions La Découverte, 2008.

FREYNET, Marie-France. *Les médiations du travail social: (re)construire les liens*. Chronique sociale, 1995.

GERSHON, Iiana. When Culture Is Not A System: Why Samoan Cultural Brokers Can Not Do Their Job. *Ethnos*, v. 71, pp.533-558, Dec. 2006.

GUILLAUME-HOFNUN, Michèle. *La médiation*. Paris: PUF, (Que sais-je?), 1995.

GLUCKMAN, Max. Análise de uma situação social na zulusândia moderna. In: FELDMAN-BIANCO, Bela (Org.). *Antropologia das sociedades complexas: métodos*. São Paulo: Global, 1987. p. 227-344.

HANNERZ, Ulf. *Exploración de la ciudad*. Madrid: Fondo de Cultura Económica, 1993.

_____. *Transnational connections: culture, people, places*. London: Routledge, 1996.

HOUSE, Floyd Nelson. The Polish Peasant. In: *Development of Sociology*. New York: McGrawHill, 1936. p. 283-290.

HUGHES, Everett *The Sociological Eye: Selected papers on institutions & race*. Chicago: Aldine, Atherton, 1971.

LAGO, Luciana C. Divisão sócio-espacial e mobilidade residencial: reprodução ou alteração das fronteiras espaciais? In: ENCONTRO NACIONAL DE ESTUDOS POPULACIONAIS, 12., 2000, Campinas. *Anais...* Campinas: Abep, 2000. Disponível em: <http://www.abep.nepo.unicamp.br/docs/anais/pdf/2000/Todos/migt11_4.pdf>. Acesso em: 10 mar.2011.

LEEDS, Anthony. *Cities, classes and the social order*. Ed. Roger Sanjek. Ithaca: Cornell University Press, 1994.

MACHADO, Igor R. Imigração em Portugal. *Estudos Avançados*, v. 20, n. 57, p 119-135, 2006.

MALHEIROS, Jorge Macaísta et al. Espaços e expressões de conflito e tensão entre autóctones, minorias migrantes e não migrantes na área metropolitana de Lisboa. Lisboa, 2007. (Observatório da imigração, 22).

MARTES, Ana C. B. Brasileiros nos Estados Unidos: um estudo sobre imigrantes em Massachussets. São Paulo: Paz e Terra, 2000.

MAZZARELLA, William. Culture, globalization, mediation. *Annual Review of Anthropology*, v. 33, p. 345-367, Oct. 2004.

MITCHELL, J. Clyde (Ed.). *Social Networks in Urban Situations: analysis of personal relationships in Central African Towns*. Manchester: University of Manchester, 1969.

PADILLA, Beatriz. Brazilian migration to Portugal: social networks and ethnic solidarity. *CIES e-WorkingPaper*, v. 12, 2006.

PACHECO, Carlos Américo; PATARRA, Neide. Movimentos migratórios nos anos 80: novos padrões? In: ENCONTRO NACIONAL SOBRE MIGRAÇÕES, 1997, Curitiba. *Anais...* Curitiba: ABEP, nov. 1997.

PARK, Robert. Human migration and the marginal man. *The American Journal of Sociology*, v. 33, n. 6, p. 881-893, May 1928.

PEACE, A. Anthropology in the postmodern landscape: the importance of *cultural brokers* and their trade. *The Australian Journal of Anthropology*. v. 9, n. 3, p. 274-284, 1998.

REIS, Rossana Rocha; SALES, Teresa. *Cenas do Brasil migrante*. São Paulo: Boitempo, 1999.

SIMMEL, Georg. A metrópole e a vida mental. In: VELHO, Otavio (Org.). *O Fenômeno Urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 11-25.

STOLCKE, Verena. *Cultura europeia: uma nova retórica da exclusão?* 1993. Disponível em: <http://www.anpocs.org.br/portal/publicacoes/rbcs_00_22/rbcs22_02.htm>. Acesso em: 20 set. 2011.

TILLY, Charles. *Migration to an American city*. Newark: Delaware University, Agricultural Experiment Station, Division of Urban Affairs, 1965. Disponível em: <<http://eric.ed.gov/PDFS/EDO38225.pdf>>. Acesso em: 30 dez. 2011.

_____. Social Boundary Mechanisms. *Philosophy of the Social Sciences*, v. 34, n. 2, p. 211-236, June 2004.

TILLY, Charles; BROWN, C. H. On uprooting, kinship, and the auspices of migration. *International Journal of Comparative Sociology*, n. 8, p. 139-165, 1967.

VELHO, Gilberto. *Individualismo e cultura: notas para uma antropologia da sociedade contemporânea*. Rio de Janeiro: Zahar, 1981.

_____. *Projeto e metamorfose: antropologia das sociedades complexas*. Rio de Janeiro: Zahar, 1994.

VELHO, Gilberto; KUSCHNIR, Karina (Orgs.). *Mediação, cultura e política*. Rio de Janeiro: Aeroplano, 2001.

WACQUANT, Loïc. Introduction: guetto, banlieue, favela, etc.: des outils pour repenser la marginalité urbaine. In: _____. *Parias urbains. Guetto, banlieues, État*. Paris: Éditions La Découverte, 2007.

WAX, Murray L. Old Chicago, New France. *The American Sociologist*, v. 31, n. 4, p. 65-82, 2000.

WIRTH, Louis. O urbanismo como modo de vida. In: VELHO, Otavio (Org.). *O fenômeno urbano*. Rio de Janeiro: Zahar, 1979. p. 90-113.